

At. Kneha

Maluf tem amigos violentos. Alguns usam soco-inglês



Fotos da briga entre malufistas e antimalufistas provam que alguns "cabos eleitorais" do governador eram policiais disfarçados. Armados

P03687

NUNZIO BRIGUGLIO

Nos últimos tempos estava ficando cada vez mais difícil o governador Paulo Maluf sair de casa sem ser vaiado ou xingado pelos chamados "populares". Maluf saía pelo interior no seu sacolejante governo-ferroviário e encontrava um tumulto em cada cidade. O governador desconversava. Dizia que as manifestações eram "orquestradas" por pessoas suspeitas. Depois Maluf decidiu sair pela capital no que chama de "governo de integração Estado-Prefeitura". De novo vaias e tumultos.

E o mais grave aconteceu na terceira expedição integracionista, no sábado atrasado, dia 21. Desta vez os componentes da "orquestra de vaias" encontraram pela frente uma orquestra de defensores do governador. Aparentemente pessoas comuns, moradores do bairro visitado por Maluf, a Freguesia do Ó, na Zona Oeste de São Paulo. Mas seriam mesmo pessoas comuns? Algumas investiram contra o grupo que protestava contra a presença do governador de cassetes, paus e pedras. Outras eram mais requintadas. Usavam soco-

inglês. Teria o governador — ou algum amigo do governador — decidido criar uma milícia malufista em São Paulo?

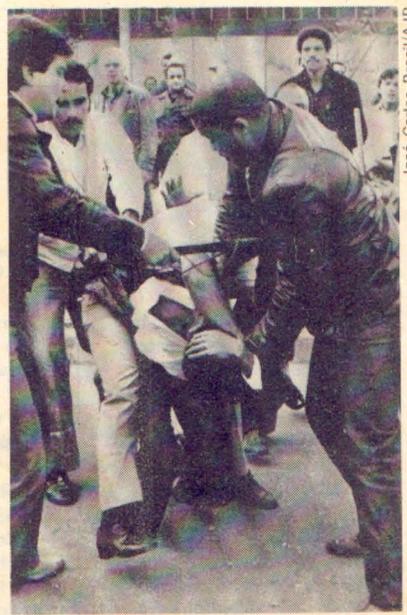
A passeata de protesto havia sido permitida por um capitão da Polícia Militar, não identificado. Os manifestantes seguiram para o prédio da administração regional aos gritos de "Um, dois, três, Maluf no xadrez". Diante do prédio, alguns integrantes da escola de samba Rosas de Ouro se preparavam para cantar o *Samba da Integração*. Muito rapidamente, entretanto, como se as pessoas obedeces-

Observem o Kojak, esse careca



Eduardo Simões A F4

Aqui ele aparece trabalhando como policial na greve do ABC



José Carlos Brasil/AJB

Aqui ele é um malufista brigando



AF
Oficialmente foi apenas uma briga entre desafetos políticos. Mas observem o detalhe na foto abaixo. Quem brigaria por causa de política, hoje em dia, usando soco-inglesês?



sem a um comando prévio, organizou-se a antipasseata evoluindo em sentido contrário. Começou a batalha. Faixas foram arrancadas, muita gente foi espancada, o deputado Geraldo Siqueira, do PT, foi de tal forma agredido que teve de ser hospitalizado com suspeita de fratura de costelas.

Questão de decoro. Na segunda-feira, dia 23, esses incidentes estouraram na Assembléia Legislativa, onde a deputada Irma Passoni, do PT, pediu o milionésimo *impeachment* do governador. O deputado João Leite Neto, do PMDB, ex-repórter policial, anunciava estar de posse de fotografias que comprovavam a participação de agentes policiais e de funcionários das Administrações Regionais da prefeitura no conflito. E o presidente da Assembléia, deputado Róbson Marinho, enviou ofício ao governador protestando contra os "frágeis mecanismos de segurança para proteger o povo". Em meio a grande confusão e muita revolta, os parlamentares da oposição resolveram requerer uma Comissão Especial de Inquérito para apurar os incidentes.

Surpreendentemente, do lado do PDS, apenas o líder Armando Pinheiro e o ex-emedebista Manoel Sala — hoje travestido em cruzado batalhador pró-Maluf — defendiam o governador contra "a insanidade destes barbudinhos radicais" — como dizia Sala. Pinheiro, por sua vez, concordou com a CEI sobre os incidentes na Freguesia do Ó, mas acusou os deputados Sérgio dos Santos e Geraldo

Siqueira de serem os responsáveis pelos incidentes. "Não sei o que estavam fazendo lá exatamente aqueles que mais têm radicalizado suas posições contra o governador e o prefeito", disse Pinheiro. E concluiu afirmando que só apoiará a CEI se for organizada outra comissão para apurar se os deputados que estiveram na Freguesia do Ó feriram

ou não o decoro parlamentar, estando sujeitos, portanto, à perda do mandato.

Enquanto isso o padre Alamiro Andrade Silva, da Vila Brasilândia — bairro vizinho à Freguesia do Ó — propôs nada menos do que a excomunhão do governador Paulo Maluf, lembrando o Código do Direito Canônico: "Quem deitar mão violenta

CPI nuclear não convoca nem sargento

A oposição queria um general e um coronel. Mas o governo vetou

Um inesperado corte de energia deixou o plenário do Senado totalmente às escuras na noite de quinta-feira, dia 26, quase ao fim de mais uma longa discussão sobre a questão nuclear. Talvez por isso, sob a influência liberadora das trevas, o senador Jarbas Passarinho, líder do PDS, tenha falado tão francamente aos jornalistas a respeito dos acontecimentos daquelas últimas horas: "O que estou querendo é evitar o confronto que a oposição parece desejar, o confronto do Congresso com a comunidade de informação" — como é conhecida no *métier* a incrível parafernália de órgãos que compõem o sistema nacional de segurança e informação.

A oposição esbravejava contra a atitude do PDS, que, na véspera, dia 25, usara sua maioria para impedir a convocação do coronel José Aragão Cavalcante, chefe da Divisão de Segurança e Informações (DSI), do Ministério das Minas e Energia, para depor perante a Comissão Parlamentar de Inquérito que examina o programa nuclear. Naquela reunião os oposicionistas haviam decidido abandonar a CPI, em represália ao veto do PDS. Agora tentavam novamente descobrir as origens e a história do documento acusatório dos críticos do programa nuclear que, rubricado pelo coronel Aragão, acabou divulgado pela imprensa há duas semanas. Foi Aragão o autor de tão incrível documento, que atribui as críticas ao programa nuclear a uma conspiração judaico-comunista-liberal? Pois bem, ele teria de se explicar ao Congresso. Foi outro o autor do texto? Pois bem, que se diga seu nome e ele dê suas razões para escrever tantas insânias. O PDS, ao impedir as convocações e explicações, estava humilhando a própria instituição parlamentar. E o ministro das Minas e Energia, César Cals, dizendo não saber quem era o autor do documento, que nasceu em seu ministério, simplesmente se expunha ao ridículo — argumentavam os senadores da oposição, irritados. O episódio

na pessoa de outros clérigos ou religiosos está automaticamente excomungado". (Vários padres da Regional Episcopal Oeste participaram dos protestos contra Maluf e entraram na briga.)

Audiência no Planalto. No Palácio dos Bandeirantes, a partir do incidente, a grande preocupação era a audiência do governador com o presidente Figueiredo na quarta-feira. Alguns malufistas temiam que a repetição do fenômeno de rejeição a Maluf, por parte da população, levasse o Planalto a meditar sobre a inconveniência de apoiá-lo.

Eram apenas temores e absoluta falta de informação sobre os humores do Planalto com respeito a Maluf. Em Brasília o governador de São Paulo constatou que os incidentes haviam sido absorvidos. Brasília aceitou a versão simplista de que tudo não passava de uma briga entre cabos eleitorais. Mas como explicar, então, a presença de policiais à paisana, mas armados, entre os "cabos eleitorais" de Maluf?

A verdade é que, através do exame de fotografias tiradas no sábado, alguns policiais não muito simpáticos ao governador acabaram ajudando João Leite Neto a identificar agentes policiais do DEOPS e policiais militares à paisana — os P-2, considerados espíões da Polícia Militar — envolvidos na briga.

João Leite Neto registrou ainda a participação de vários funcionários da administração regional da prefeitura e, através de uma foto, identificou um agente do DEOPS que agira em São Bernardo, durante a greve dos metalúrgicos, infiltrado entre os manifestantes pró-Maluf.

Prefeito "sem pasta". João Leite pretende juntar toda essa documentação na CEI que deverá ser instalada apenas em agosto, depois do recesso de julho. Por outro lado, o envolvimento de funcionários ligados à administração municipal reacendeu uma rusga entre o governador Maluf e o prefeito Reynaldo de Barros.

Reynaldo nunca escondeu que é contra o governo de integração Estado-prefeitura, qualificado por ele mesmo como "improdutivo", e ficou revoltado com a participação de funcionários municipais no conflito, à sua revelia. No final da semana comentava-se que quem convocara os funcionários das administrações re-

gionais para a Freguesia do Ó havia sido o secretário das Administrações Municipais, Francisco Nieto Martins. Aliás, Nieto Martins é uma espécie de "prefeito sem pasta"; homem de confiança do governador. Ele controla 20 mil dos 70 mil funcionários da prefeitura. E tem sob seu comando todas as administrações regionais da capital em contato direto com as bases políticas.

As colocações do prefeito Reynaldo de Barros contra o governo de integração provocaram uma série de boatos. O prefeito se demitiria assim que o papa João Paulo II passasse por São Paulo.

Isso foi desmentido categoricamente pela assessoria do prefeito. Entretanto sabe-se que Reynaldo de Barros pretende dizer diretamente ao governador que o chamado governo de integração "não funciona numa cidade onde os problemas são conheci-



Reynaldo de Barros: quando o papa partir...

dos há mais de quatrocentos anos". Fala-se pelo Ibirapuera que os dias do "prefeito sem pasta" também estão contados.

Preso na areia. E o governador, que diz? Nada. No dia do conflito, diante das câmeras de TV, Maluf declarou candidamente: "Não sei o que está acontecendo lá fora. Eu estou aqui atendendo pacificamente a população". O discurso não parece ter muita repercussão junto à citada população. Mas, curiosamente, provoca reações em Brasília. No meio da semana, ao visitar o Congresso, Maluf foi aplaudido por um grupo de parlamentares liderados pelo deputado maranhense Édson Lobão, do PDS. Esse tipo de solidariedade não vai, no entanto, livrar o governador de novas complicações. Ele pisa areia movediça: quanto mais se movimenta, mais se afunda.